

Apresentação

Esta edição apresenta o núcleo temático Educação e Estética, cujos artigos refletem sobre a diversidade de questões que perpassam as múltiplas dimensões do pensar e do fazer humano, reproduzidas pelas manifestações estéticas.

Ao longo de toda sua história, o homem criou, aliando o utilitário ao artístico, buscando a representação de suas idéias e seus sentimentos. Essas representações estéticas testemunham a evolução do pensamento humano e, por conseguinte, de suas reflexões filosóficas.

O próprio termo “estética” foi empregado com diferentes sentidos. A estética é considerada o estudo do belo ou da arte ou, ainda, da beleza e da arte. No pensamento grego, no entanto, o estudo do belo não era tarefa da filosofia, mas da poética – ciência ou arte da produção –, uma vez que o belo estava relacionado ao conceito de Bem. É somente em meados do século XVIII, com Alexander Gottlieb Baumgarten, que os conceitos de belo e de arte são relacionados, como partes que se completam, constituintes do fenômeno estético.

O termo também designa a experiência estética, ou seja, nossa relação com a arte, o modo como nos sentimos diante dela, como a vivenciamos. É relevante, pois, a percepção do objeto artístico pelo sujeito e os significados que ele constrói a partir dessa recepção.

É sobre essa experiência estética que os educadores precisam debruçar-se, ou melhor, devem proporcioná-la aos alunos, orientando-os no processo de recepção e de fruição do texto estético, seja ele de que natureza for – escultura, pintura, cinema, literatura, música, etc. No entanto, não é isso que se verifica, em geral, nos projetos educativos desenvolvidos nas

escolas no sentido amplo, isto é, não apenas pelas disciplinas de arte. A arte e a discussão do objeto artístico não são contempladas no dia-a-dia escolar, que se volta principalmente para a reprodução de informações.

O educador precisa, portanto, ser capaz de relacionar diferentes manifestações artísticas, para que os alunos possam conhecer, apreciar e interpretar a arte. Por meio da atitude hermenêutica, o ser humano descobre o mundo e se descobre no mundo, podendo refletir sobre si e sobre a realidade que o cerca.

Nesse universo, coexistem identidades multiculturais expressas por diferentes códigos simbólicos, que podem ser engendrados nos mais variados materiais, matérias e materialidades. O reconhecimento dos diferentes códigos culturais presentes nas manifestações expressivas e representações simbólicas (espirituais, crenças, emocionais, intelectuais, modos de vida, valores, etc.) propicia um olhar mais abrangente acerca das diferenças vivenciadas na realidade multicultural.

O diálogo proposto pela estética multicultural possibilita ao sujeito reconhecer as diferenças e, assim, perceber a si próprio, seus próprios códigos simbólicos. É a dimensão da alteridade que propicia maior consciência da cultura que constitui o sujeito e que ele ajuda a constituir, tanto no âmbito local, regional, nacional e internacional. Com isso, estará mais apto a, quem sabe, expressar-se e a propor modificações em seu meio.

Como vivemos o momento da simultaneidade, em que as transformações ocorrem de forma cada vez mais dinâmica e os sistemas de valores são redimensionados a todo momento, são necessários novos comportamentos cognitivos. Assim, é preciso

estar atento para essas constantes mudanças que, paradoxalmente, nem sempre o ser humano consegue acompanhar. Para que ele possa acompanhá-las melhor, é necessário permitir-lhe o acesso às diferentes formas artísticas, o que é, em síntese, papel do educador.

Repensar a educação sob o olhar de uma perspectiva estética é, talvez, um dos possíveis caminhos que podem ampliar as dimensões perceptivas e sensíveis do ser humano, de maneira que ele ainda

possa desenvolver sentidos e significados que orientem as suas ações e sua participação no mundo.

Dra. Lurdi Blauth

(Coordenadora do Curso de Artes
Visuais, Ensino da Arte na Diversidade
e Arteterapia - FEEVALE)

Dra. Marinês Andréa Kunz

(Coordenadora do Curso de Letras - FEEVALE)